

DOM PAULO DE TARSO CAMPOS E A VINDA DO PADRE JOSÉ COMBLIN AO BRASIL

BISHOP PAULO OF TARSO CAMPOS AND THE COMING OF FATHER
JOSE COMBLIN IN TO BRASIL

*Mariane de Almeida Silva**

RESUMO

Ao se pensar na presença missionária de padres e mesmo religiosos, religiosas e leigos no Brasil, vem sempre o questionamento sobre o que motiva estas pessoas a saírem de suas terras a fim de anunciarem a Boa Nova de Jesus. Quando nos deparamos com a vinda de José Comblin e seus dois companheiros, padres, doutores, para o Brasil, este questionamento é ainda mais alarmante haja vista que, para muitos, e mesmo para eles, não ficara muito claro as intenções do bispo de Campinas, Dom Paulo de Tarso Campos, ao trazê-los para sua Diocese. O objetivo do atual artigo é averiguar se as impressões de Comblin a respeito das reais intenções de D. Paulo se confirmam (de que ele os havia requisitado para fazer frente ao Reitor da PUC, Monsenhor Salim) e apontar para a pessoa de D. Paulo como um instrumento da ação do Espírito que possibilitou a vinda do Pe José Comblin para Brasil.

Palavras-chave: José Comblin; Dom Paulo de Tarso Campos; Diocese de Campinas; Missão.

* Professora do curso de Teologia da Faculdade Católica de São José dos Campos. Mestre em Teologia pela PUC-SP, bacharel em Teologia pelo Centro Universitário Claretiano e bacharel em Comunicação Social (Jornalismo) pela Universidade do Vale do Paraíba. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0620954173619393>. E-mail: mariane_de_almeida@yahoo.com.br.

ABSTRACT

When thinking about the missionary presence of priests and even religious men and religious women in Brazil, there is always the question of what motivates these people to leave their lands in order to announce the Good News of Jesus. When confronted with the coming of Joseph Comblin and his two companions, priests, doctors, to Brazil, this questioning is all the more alarming given that for many, and even for them, the intentions of the Campinas's Bishop were not very clear, Bishop Paulo of Tarso Campos, by bringing them to his diocese. The objective of the present article is to ascertain whether Comblin's impressions of Bishop Paulo's real intentions are confirmed (that he had asked them to meet the PUCC's Rector, Monsignor Salim) and to point out to the person of Bishop Paulo as an instrument of the Spirit's action that enabled Father Jose Comblin to come to Brazil.

Keywords: Jose Comblin; Dom Paulo of Tarso Campos; Diocese of Campinas; Mission.

1 INTRODUÇÃO

A história da Igreja é marcada pela ação de grandes homens e mulheres, profetas e profetisas, verdadeiros arautos do Evangelho que doaram e doam suas vidas em prol do anúncio vivo e frutífero da Boa Nova. Isso acontece porque a ação missionária está na raiz de toda estrutura eclesial. Assim:

Em seu sentido mais amplo, a missão é uma característica fundamental da Igreja, chamada a ser sinal e instrumento de salvação de Deus no mundo, para toda a humanidade. Duas tarefas principais cabem, assim, à Igreja e a cada crente: dar testemunho do Evangelho (evangelização) e servir aos homens (diaconia). Num sentido mais restrito, entende-se por missão o trabalho de difusão da fé (LACOSTE. 2004, p. 1152-1153).

Impulsionada pelo Espírito Santo e concretizada pelos primeiros cristãos, a Igreja cresceu, evoluiu e já perpassa seus dois mil anos. Nesse período, seu foco principal sempre foi a missão, que é a fonte de toda a ação eclesial, assim como enaltece o Concílio Vaticano II no Decreto *Ad Gentes*: “A Igreja é, por sua natureza, missionária, visto que tem a sua origem, segundo o desígnio de Deus Pai, na ‘missão’ do Filho e do Espírito Santo” (AG 2). Desse modo, não restam dúvidas de que a tarefa primeira da Igreja é anunciar o Evangelho a todas as criaturas, como assim pediu Jesus aos apóstolos (Cf. Mc. 16,15). A evangelização é, portanto, o caminho a trilhar, um caminho a ser seguido por todos os fiéis batizados. Este artigo tem por objetivo averiguar se as impressões de Comblin a respeito das reais intenções de D. Paulo se



confirmam (de que ele os havia requisitado para fazer frente ao Reitor da PUC, Monsenhor Salim) e aponta para a pessoa do arcebispo de Campinas como um instrumento da ação do Espírito que possibilitou a vinda do Pe José Comblin como missionário ao Brasil. Num primeiro momento, apresenta o contexto histórico da vinda do jovem teólogo de Lovaina (Bélgica) ao país. Num segundo momento, somos levados a conhecer melhor a vida e o campo de atuação do bispo de Campinas que requisitou três padres doutores ao Colégio Pró-América Latina (COPAL). Nas considerações gerais, apresentamos nossa hipótese sobre as reais intenções do prelado em solicitar a vinda de Comblin ao Brasil e as razões que nos fazem discordar em parte da hipótese levantada por nosso autor.

2 JOSÉ COMBLIN E O BRASIL COMO TERRA DE MISSÃO

O Brasil foi, e continua sendo, celeiro de ações missionárias e palco para as pessoas que buscam se doar por meio da ação evangelizadora, o que torna fácil a tarefa de destacar nomes importantes neste processo. Entre estas pessoas, percebemos a figura de um jovem padre belga que chegou em nossa terra há exatamente 60 anos. Monica Muggler em sua biografia "Padre José Comblin: uma vida guiada pelo Espírito" conta que ele, quando pequeno, sonhava em ser um padre missionário de preferência no Congo, em Ruanda ou no Burundi. Seu pensamento se pautava no fato de que muitos países europeus tinham suas colônias no continente africano e, conseqüentemente, muito se falava de lá, especialmente sobre a pobreza e as necessidades daquele povo. Apesar de ser este seu desejo de infância, seus planos mudaram quando seu tio, que era padre, o encorajou a ser um padre diocesano, dizendo: "Você não pode ser missionário! Você é muito bom aluno, é muito inteligente demais (*sic*) para ser missionário. Você deve ser padre aqui mesmo" (MUGGLER, 2012, p. 31). Na época, a palavra do tio era, não apenas, importante como levada muito a sério. Por conta disso Comblin se formou e foi ordenado ali mesmo no seminário da Arquidiocese de Malines-Bruxelles (Cf. *Ibidem*).

Como percebemos no Evangelho de João, o vento sopra onde ele quer e ouvimos o seu ruído, mas não sabemos de onde vem nem para onde vai. Assim acontece com todo aquele que nasceu do Espírito (Cf. Jo. 3,8). Dessa maneira, o sonho de ser um



padre missionário teve uma maneira pneumatológica de se realizar. "O papa Pio XII lançou um apelo ao mundo católico, solicitando sacerdotes e religiosos que se dispusessem a ir para a América Latina e levantasse um muro que barrasse o comunismo" (MUGGLER, 2012, p. 46). Esse apelo foi transmitido aos sacerdotes belgas e José Comblin passou a pensar na possibilidade de encontrar novos rumos e perspectivas para a própria vida. Escreveu para seu cardeal, van Roey, e se colocou à disposição da Igreja latino americana. Comblin esperou cerca de três anos uma resposta que não chegou e por isso encaminhou uma nova carta com os dizeres:

Eminência, há dois anos, após ter refletido e rezado durante três anos, cheguei à convicção de que minha vocação é responder ao apelo do Santo Padre em favor das Igrejas da América Latina. Assim tomei a liberdade de solicitar a V. eminência a permissão de deixar o serviço na Arquidiocese para me colocar à disposição de um bispo na América. [...] Aguardo com confiança e submissão a decisão que V. E. vier a tomar (COMBLIN apud MUGGLER, 2012, p. 46).

Em 27 de outubro de 1957 o pedido foi concedido pelo Cardeal, e então, Comblin pôde começar a sonhar e planejar com mais entusiasmo sua nova vida missionária no terceiro mundo. Sabemos que sua vinda para o Brasil se deu no final da década de cinquenta quando um bispo, o de Campinas, fez um pedido ao diretor do COPAL (Colégio Pró-América Latina) solicitando três padres doutores para lecionarem na recém fundada Universidade Católica em sua diocese.

O COPAL havia sido instalado em 1955 pelos bispos belgas na cidade de Lovaina, próximo aos campi da famosa Universidade, e tinha como finalidade preparar missionários, entre eles padres, leigos e seminaristas, a fim de enviá-los à América Latina (Cf. MUGGLER, 2012, p. 47). Nesse contexto, surge um convite da parte de Dom Paulo de Tarso Campos (que havia estudado em Lovaina), solicitando a ida de três sacerdotes que fossem doutores para a Diocese de Campinas. Atenderam ao pedido os padres Michel Schooyans, doutor em filosofia; Carl Laga, doutor em línguas clássicas e José Comblin, doutor em Teologia (Cf. MUGGLER, 2012, p. 47). Começava ali, portanto, uma caminhada pelas terras do Terceiro mundo.

Ao saber que viria para o Brasil, Comblin buscou de pronto ter uma intimidade com a língua. Seu entusiasmo foi tão grande que decidiu partir da Bélgica seis meses antes dos outros dois companheiros. O bispo da Diocese que o acolheria já lhe havia



oferecido uma capelania num colégio, bem como casa e aulas no seminário diocesano. Para o ano seguinte, prometeu-lhe algumas aulas na Universidade Católica. Para muitos, tal decisão poderia parecer disparatada, haja vista que Comblin era muito inteligente e a América Latina parecia ser um "lugar sem expectativas e nem desenvolvimento. Lugar atrasado para quem prometia ser um brilhante intelectual" (MUGGLER, 2012, p. 49). De igual maneira, em Campinas não entendiam o porquê pessoas tão inteligentes deixavam a Europa e vinham para o Brasil já que o mais comum era o contrário acontecer! (Ibidem).

Para os que já refletiram a trajetória do padre José Comblin em solo latino-americano, é fácil compreender que sua vida aqui foi regada de uma luta e amor pelo povo brasileiro, em particular o nordestino, e sua terra. Nesse sentido, sua decisão de vir para cá, não foi, nem de longe disparatada, foi antes, atitude de acolhimento aos projetos de Deus e uma maneira de responder à voz do Espírito que ressoava em seu coração.

Entretanto, apesar de estarmos imbuídos de certeza de que a vinda de Comblin ao Brasil fora, por conta de tantos frutos dados por ele aqui neste solo, obra do Espírito Santo, ao que parece, por vezes nem ele e nem os companheiros compreendiam muito bem as razões de o bispo de Campinas fazer o pedido ao COPAL. Segundo Monica Muggler os três sentiam-se incomodados e se perguntavam:

O que estavam fazendo em Campinas? Três doutores para dar aulas no seminário menor e algumas aulas secundárias na Universidade? Nunca o arcebispo lhes dera qualquer explicação sobre a razão de tê-los trazido da Europa. A única explicação que encontraram na época é que os professores sacerdotes eram gratuitos; se fossem professores leigos, precisariam ter salários (MUGGLER, 2012, p. 54).

Também Carl Laga, num texto feito em homenagem a Comblin expõe sua admiração sobre o papel do amigo, mas observa que, apesar do descontentamento, Comblin mantinha-se firme no papel que lhe era devido. Assim ele expõe:

Chegado a Campinas, acho que no mês de junho de 1958, ou seja, no meio do ano acadêmico, estreou Comblin no ensino em língua portuguesa. Descobriram que ele possuía um grau 'em ciências' e encarregaram-no das aulinhas dessa matéria, no seminário menor. Da exegese do Livro do Apocalipse à elite do clero belga, à explicação da bomba para levar água aos meninos do interior paulista... não é



grande elevação de posto. Mas já que tomou essa forma seu primeiro confronto com o ensino no Brasil, Padre José – assim foi conhecido por mais de meio século – se conformou, com uma dose de humor discretamente velado que lhe era tão típico (STOLS; MASCARO; BUENO (orgs). 2014, p. 179).

Em março de 1959 Comblin fora contratado pela Universidade Católica de Campinas recebendo o valor de seis mil cruzeiros, segundo seu prontuário na Universidade. Apesar de haver-se doutorado em Teologia, passou a ministrar aulas de Filosofia Geral (Teodiceia), enquanto seus companheiros, Carl Laga com aulas de Linguística Geral; História Antiga e História da Igreja, e Michel Shooyans aulas de Filosofia Geral; História da Filosofia e Psicologia (Cf. UCC, 1959).

Apesar de os padres encontrarem espaço na Faculdade de Campinas, como o combinado com o bispo antes mesmo de virem ao Brasil, ainda não lhes parecia suficiente, haja vista que, nem sempre estavam ministrando aulas para os cursos aos quais haviam estudado, como era o caso do próprio Comblin, dando aulas de Filosofia sendo um teólogo. Nesse cenário, as indagações sempre eram as mesmas: O que queria o bispo de Campinas trazendo os três doutores para o Brasil?

Diante do questionamento feito pelos padres, fica-nos a proposta de, nesta pesquisa, tentarmos compreender quem era o bispo de Campinas a fim de, conhecendo-o, tentarmos alinhar sua linha de pensamento e, conseqüentemente, atingirmos uma compreensão mais plausível sobre o que o levou a querer os três padres em sua diocese. A hipótese levantada por Mônica Muggler, e provavelmente suscitada por Comblin, de os padres não precisarem ter seus dividendos pagos pode até nos parecer plausível, mas não definitiva, afinal, eram três doutores vindos de fora para sua Diocese e em seus respectivos prontuários constam tanto um mini curriculum quanto o valor do salário: Cr\$ 6.000,00 (seis mil cruzeiros). Por isso, vale-nos obter uma maior compreensão sobre quem era o Dom Paulo a fim de buscarmos descobrir suas reais intenções.



3 DOM PAULO DE TARSO CAMPOS: TRAJETO ECLESIAÍSTICO

Dom Paulo teve uma vida eclesial bastante importante. Fora Vice-Comissário da Ordem 3ª do Carmo; Coadjutor em Bragança Paulista em 1921; Professor e Diretor espiritual no Seminário Provincial em 1923; Professor no Seminário Maior em 1931; Vigário na Paróquia Santa Cecília em São Paulo dos anos de 1932 a 1935, quando foi nomeado bispo de Santos e onde exerceu seu ministério episcopal até ser nomeado bispo de Campinas, em 1942, e elevado a arcebispo da mesma em 1958. Entre este tempo, passou três anos em Lovaina - Bélgica (de 1928 a 1931) para especializar-se em Ciências Sociais (Cf. AMSP).

Tais informações podem soar genéricas para quem deseja compreender melhor quem fora o referido bispo. Nascido em 24 de agosto de 1895 em Jaú, interior de São Paulo, filho de José Vicente e Ana Guilhermina Mendonça de Campos, Paulo definiu desde muito jovem que seria sacerdote. Estudou no Seminário Menor de Pirapora e no Provincial de São Paulo. Aos 25 anos de idade se ordenou sacerdote dando início a uma frutífera vida eclesiástica. Quinze anos após sua ordenação presbiteral, Paulo de Tarso é nomeado pelo papa Pio XI como bispo de Santos e recebe sua ordenação Episcopal no dia 14 de julho de 1935, na Igreja de Santa Cecília, onde exercia seu ministério sacerdotal. Assumiu o lema *Ominia in Christo* - Tudo em Cristo (Cf. ARQUIDIOCESE DE CAMPINAS, 2018), o que significa uma entrega total de vida em nome deste Cristo, haja vista que um lema de ordenação sempre remete ao mais íntimo e profundo desejo de um homem.

Como bispo de Santos, Dom Paulo de Tarso realizou diversos trabalhos pastorais de profunda ajuda ao povo santista. Uma de suas maiores contribuições para a Diocese foi a criação da "Assistência ao Litoral Anchieta" que ficou conhecida no Brasil, e também fora dele, como ALA. A proposta da ALA era dar assistência social abrangendo também a parte espiritual, moral e material das populações litorâneas, promovendo, portanto, a integralidade do ser humano. Este importante trabalho foi realizado, ainda que com as dificuldades do difícil acesso a algumas regiões litorâneas da Diocese, tendo, assim, uma missão importante junto aos povos indígenas e aos operários do famoso porto de Santos, o maior do país. Ainda como marco de sua trajetória em Santos, Dom Paulo realizou um Congresso Eucarístico na Diocese em



preparação para o Congresso Nacional que aconteceria em São Paulo. Neste meio tempo soube de sua nomeação para a Diocese de Campinas (REVISTA DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS, 1959, p. 2)

Após seu frutífero trabalho na Diocese de Santos, Dom Paulo é nomeado como 3º bispo de Campinas e, após alguns anos, 1º Arcebispo Metropolitano da mesma. Sua chegada na diocese se deu no dia 1º de março de 1942 e sua recepção de maneira muito festiva. Formada por uma comissão composta por membros do Cabido e pessoas nobres responsáveis por buscar o bispo em São Paulo e levar à cidade onde seria acolhido pelas autoridades civis e militares, além de todo o povo Campineiro. No dia seguinte realizou-se um festival de gala no Teatro Municipal (Cf. AMSP).

Dom Paulo chegou em Campinas na ocasião do Congresso Eucarístico Diocesano e assumiu todos os preparativos e realização do mesmo. Ainda ali, realizou outros cinco Congressos Eucarísticos Regionais e por isso passou a ser conhecido por muitos como "bispo da Eucaristia", o que nos faz compreender mais a fundo seu lema episcopal "Tudo em Cristo". Entre seus inúmeros feitos, D. Paulo trabalhou pela criação da diocese de Piracicaba, incentivou a ampliação de Faculdades na Universidade Católica e após o Concílio foi um grande impulsionador da Pastoral, criou o Conselho de presbíteros, iniciou uma renovação da Catequese e trabalhou na formação dos catequistas. "O clero diocesano cresceu de 34 para 105 sacerdotes, tornando-se o clero mais jovem e mais numeroso da região". No ano de 1958, mesmo em que o padre José Comblin veio para o Brasil, dom Paulo foi elevado a Arcebispo Metropolitano com a criação da Arquidiocese e Província Eclesiástica de Campinas (Cf. ARQUIDIOCESE DE CAMPINAS, 2018).

Outra face importante de Dom Paulo foi seu grande papel enquanto primeiro Reitor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo dos anos de 1946 a 1959. Em uma publicação em janeiro de 1946 intitulada Pastoral Pró- Universidade Católica, o Cardeal recém-nomeado, Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, arcebispo de São Paulo, diz ter dado aos fiéis cristãos paulistas um "mimo de boas-festas", a Faculdade Paulista de Direito como primeiro núcleo e símbolo da futura Universidade Católica de São Paulo. No dia 10 de outubro de 1945 lavrou-se a escritura pública da "Fundação São Paulo" e, portanto, neste mesmo dia fora nomeado o primeiro Reitor



da futura Universidade, Dom Gastão Liberal Pinto que faleceria dias depois. Era preciso, a partir de então, buscar um novo nome para assumir tão grande posição frente à Universidade vindoura. Tratava-se de D. Paulo de Tarso Campos, "pessoa não menos culta e piedosa", segundo disse Dom Carmelo Mota no mesmo documento, fazendo referência ao que fora nomeado primeiro e que viera a falecer antes mesmo de assumir o posto (MOTA, 1946, p.5-7).

No decorrer do ano de 1946 a Arquidiocese de São Paulo promoveu coletas Pró-Universidade Católica e o Cardeal-Arcebispo expôs no Boletim Eclesiástico (órgão oficial da Arquidiocese) os fundamentos da Universidade, destacando o trabalho para e pelo Reinado de Cristo e "dentro de seu reinado de amor buscará as soluções para a crise universal contemporânea que é a 'questão social' apontadas pelas Encíclicas Pontifícias" (Cf. MOTA, 1946, p. 154). Certamente o envolvimento de Dom Paulo com a questão social, especialmente na Diocese de Santos, fez dele a pessoa indicada para estar à frente da Universidade, cujo objetivo era, dentre outros, o de buscar soluções para a crise social, como afirma Dom Carmelo Mota. Passados alguns anos, no dia 29 de julho de 1966, aos 71 anos de idade, Dom Paulo de Tarso envia uma carta D. Agnelo Rossi, comunicando o pedido renúncia feito ao Núncio com os dizeres:

Caríssimo Sr. Dom Agnelo.

Recebi ante-ontem resposta do Senhor Núncio, dispondo-se a transmitir ao Santo Padre o meu pedido de renúncia. Faço-lhe este comunicado a fim de que o nosso caríssimo Dom Agnelo possa junto do sr Nuncio resolver como convém a questão da sucessão, de acordo com o que conversamos. Estou, pois, agora, à espera de uma solução do Santo Padre que, muito contente, receberei como a expressão clara da vontade de Deus. Muito grato, peço-lhe que me abençoe e a esta Arquidiocese que é também sua (CAMPOS, Paulo de Tarso, 1966).

A resposta ao desejo do bispo chegou em 27 de setembro de 1968, quando o Papa Paulo VI aceitou seu pedido de renúncia. Em 02 de março de 1970, D. Paulo falece em sua residência e é sepultado na cripta da Catedral de Campinas (Cf. ARQUIDIOCESE DE CAMPINAS, 2018).



4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pesquisarmos os esparsos documentos a respeito da biografia de D. Paulo de Tarso, não fomos capazes de afirmar com certeza o que o levou a solicitar os três doutores padres belgas para o Brasil ao final da década de 50. Entretanto, podemos avaliar que Dom Paulo fora um bispo bastante importante, tendo realizado coisas grandiosas para a Igreja no Brasil, especificamente nas Dioceses e Regiões por onde passou. Sua vivacidade e empenho em colocar em prática as decisões do Concílio Vaticano II é grande prova disso.

Ademais, uma opção de resposta à indagação de todos que se deparam com a história dos três padres belgas é apresentada por Monica Muggler na biografia de José Comblin. Segundo o que ela pôde colher do próprio Comblin, D. Paulo tinha alguns problemas com o reitor da Universidade Católica de Campinas, Monsenhor Emílio José Salim, e não estava plenamente satisfeito com as orientações seguidas por tal reitor. Para D. Paulo, a vinda dos três doutores significaria uma mudança no pensamento, haja vista que eles teriam influência para "dar nova direção à Universidade, priorizando a qualidade do ensino e não o lucro do empreendimento". O problema é que, segundo Monica, "como bom turco", monsenhor Salim percebeu a manobra e conseguiu impedir que os planos do arcebispo dessem certo. Após este episódio até mesmo Dom Paulo sentiu-se sem reação para atuar e, concomitantemente perdeu plenamente o foco. Sem ter um outro plano, também ficou sem conseguir pensar no que fazer com os três doutores. (Cf. MUGGLER, 2012, p. 54).

Esta pode ser uma teoria aplicável, entretanto, é impossível ter plena certeza sobre o assunto, já que esse é o tipo de situação não documentada. Porém, há um fato que pode colocar em dúvida essa versão. Logo que foi nomeado reitor para a Universidade Católica de São Paulo, Monsenhor Emílio José Salim foi indicado como Vice-reitor e Dom Paulo teve o cuidado de dizer ao Arcebispo de São Paulo, dom Carmelo Mota, que, embora, monsenhor Salim, assumisse tal posto, ele não poderia ser afastado das atividades que dirigia na Universidade Católica de Campinas. (CAMPOS, Paulo de Tarso, 1945).



Se dom Paulo quisesse mesmo se desvencilhar da sombra de Monsenhor Salim, essa seria uma boa oportunidade, atribuindo-lhe mais atividades em São Paulo do que em sua Diocese, o que não foi feito. Acreditamos que D. Paulo queria mesmo fomentar novas e promissoras perspectivas para a Universidade Católica de Campinas, e a presença dos jovens doutores de Lovaina – cuja reputação era de estar sempre um pouco à frente das universidades romanas e de desenvolver um diálogo mais profundo com as ciências e os novos saberes do mundo contemporâneo – poderiam colaborar para isso. Acreditamos que D. Paulo havia pensado nisso, apostando que os jovens doutores auxiliariam a comunidade acadêmica a trilhar caminhos mais eficientes. O problema é que os jovens doutores se frustraram ao chegar em uma Diocese onde não havia um projeto claro para eles. Depois de dois anos, Comblin escreveria suas “Notas sobre a situação dos padres belgas no Brasil” e as enviaria ao diretor do Colégio e às autoridades eclesiais belgas, expondo suas impressões e sugestões sobre o trabalho missionário desenvolvido pelo COPAL. Por duas vezes, nosso teólogo diz que sua experiência pessoal o levava a constatar que as intenções do COPAL não eram as mesmas dos bispos brasileiros. Embora as palavras do convênio existente entre as duas partes fossem as mesmas, o que cada um pensava a respeito delas certamente não era o que diziam as palavras. Por isso, seria melhor que houvesse um alinhamento maior entre os bispos e o Copal quanto ao trabalho a ser desenvolvido no Brasil e em outras dioceses da América-Latina. Como diz Comblin, é preciso desenvolver um projeto de cooperação do que propriamente um trabalho de missão, diferentemente do que desejava e pensava Pio XII. Para Comblin, trazer três doutores formados em Louvain para a Universidade de Campinas, sem que houvesse um projeto bem definido para eles e com a anuência deles, parecia-lhe ineficaz e um desperdício de forças. Não se trata de os três padres sentirem-se superiores aos outros professores, mas de constatar que, para dar aulas de biologia ou química para seminaristas menores ou celebrar a missa a uma comunidade de irmãs, não era preciso deslocar, do outro lado mundo, três jovens doutores de carreira promissora. Os padres brasileiros poderiam fazer tudo isso e quem sabe de uma maneira mais eficaz, por já conhecerem a língua e os costumes locais.

Assim, chegamos a conclusão de que o mais importante nessa história é que D. Paulo de Tarso Campos, ao solicitar missionários para as terras campineiras, acabou por se



tornar um instrumento do Espírito a guiar, a partir da segunda metade da década de 60, o jovem padre estrangeiro pelos caminhos tortuosos e torturantes do território latino-americano e a se tornar um dos nomes mais importantes da teologia da libertação.

REFERÊNCIAS

ANTONIAZZI, Alberto. **Cristianismo: 2000 anos de caminhada**. São Paulo: Paulinas, 1996. (Igreja na História).

BOSCH, David J. **Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão**. Tradução Geraldo Korndörfer e Luis Marcos Sander. São Leopoldo: EST, Sinodal, 2002.

COPPI, Paulo (Coord.). **Por uma igreja missionária: breve curso de missiologia**. 3. ed. Florianópolis, SC: PIME, s.d. p. 9.

LACOSTE, Jean-Yves. **Dicionário crítico de teologia**. Tradução Paulo Meneses. São Paulo: Paulinas, 2004.

MOTA, Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos. **Pastoral Pró-Universidade Católica**. São Paulo: Ave Maria. 1946.

MUGGLER, Monica Maria. **Padre José Comblin: uma vida guiada pelo Espírito**. São Bernardo do Campo: Nhanduti. 2012.

STOLS, Eddy; MASCARO, Luciana Pelaes; BUENO, Clodoaldo; (orgs). **Brasil e Bélgica: cinco séculos de conexões e interações**. São Paulo: Narrativa Um, 2014.

Outras fontes de pesquisa

ARQUIVO METROPOLITANO DE SÃO PAULO (AMSP). D. Paulo de Tarso Campos. São Paulo: AMSP.

ARQUIDIOCESE DE CAMPINAS. **Dom Paulo de Tarso Campos**. Disponível em:<http://arquidiocesecampinas.com/clero/dom-paulo-de-tarso-campos/> Acesso: 12/09/2018.

CAMPOS, Dom Paulo de Tarso. **Carta a Dom Agnelo Rossi**. 28/07/1966. In: Arquivo Metropolitano de São Paulo.

_____. **Carta a Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota**. 01/11/1945. In: Arquivo Metropolitano de São Paulo.

MOTA, Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos. Boletim Eclesiástico. Ano XXIII. junho/julho 1946. Ns 6-7. In - Anuário 1946. p.154.

REVISTA DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS. CAMPINAS: UCC, 1959.



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS (UCC). Relatório 1º semestre de 1959
DA Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Campinas.

